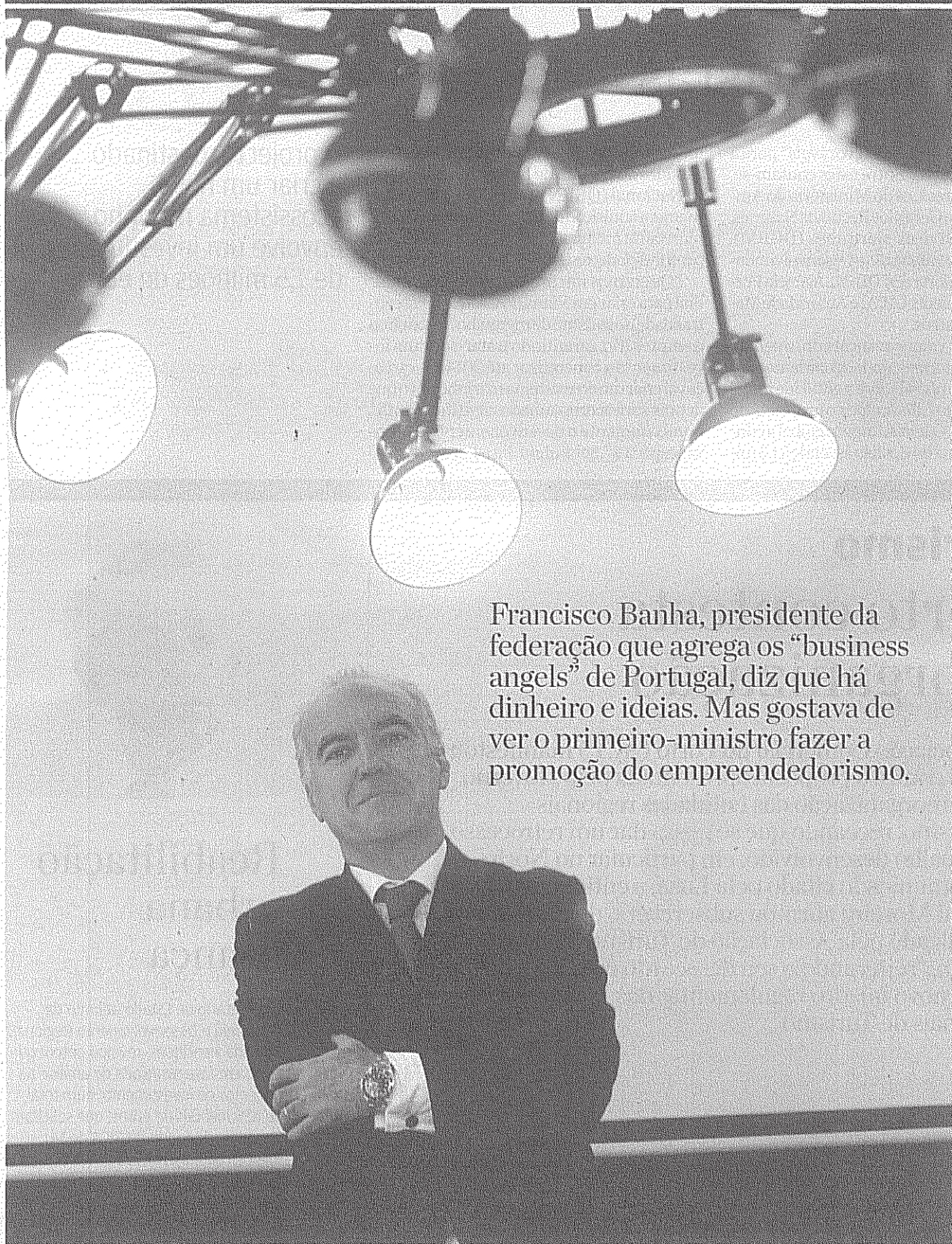


“Tem de se criar
mais, muito
mais, empresas”



Francisco Banha, presidente da federação que agrega os “business angels” de Portugal, diz que há dinheiro e ideias. Mas gostava de ver o primeiro-ministro fazer a promoção do empreendedorismo.

Miguel Baltazar

im

investimento &
inovação & pme

Manual

Como escolher
um presidente

Impostos

Juros
e IRC

A semana dos “business angels” fez o balanço de projectos que já arrancaram e mostrou ideias que querem resultar em novas empresas.

Pub

Miguel Baltazar

Há dinheiro disponível para a criação de empresas

Os “business angels” estão a investir em novas empresas e esperam que os benefícios fiscais para esses investimentos cheguem

Actualmente, é apenas um pedido de autorização legislativa. Mas Francisco Banha, presidente da Federação Nacional de Business Angels (FNABA), espera que a medida vá para a frente. O Governo pretende, segundo escreveu no Orçamento do Estado para 2013, dar um regime fiscal mais favoráveis a estes investidores. E, por isso, admite “estabelecer uma dedução até à concorrência da colecta de IRS ou IRC, correspondente a uma percentagem que poderá ascender a um máximo de 20% das entradas de capital efectuadas nos primeiros três exercícios de actividade de empresas recém-constituídas, com um limite até 10 mil euros”.

“Os ‘business angels’ são o veículo de excelência para a criação de empresas”.

FRANCISCO BANHA
Presidente da Federação Nacional

“Os montantes não são significativos, mas é muito importante porque temos de criar condições para além do fundo de co-investimento, que acaba em Junho de 2014. E, se não houver outro fundo, vamos ter de ter outro tipo de atractibilidade”, diz ao **Negócios** Francisco Banha, que assume que o anterior benefício fiscal dado aos “business angels” não teve quaisquer efeitos. “Nem sequer nas declarações havia espaço para declarar” e o limite à dedução até 100 euros inviabilizou este benefício.

Para desfrutar deste regime fiscal, os investidores têm de ter a situação fiscal regularizada e o cadastro criminal limpo e, de acordo com o regime que esteve em vigor, tinham de obter verificação do IAPMEI e comprovar os investimentos junto de associações de “business angels”. De qualquer forma, Francisco Banha acredita que há muitos “anjos” escondidos. Muitos investidores que participam e ajudam a arrancar com projectos mas que não estão nas listas oficiais de “business angels”. “Há muita actividade informal”, diz, assumindo que os “business angels” são o “veículo de excelência para a criação de empresas”.

Os fundos de co-investimento

com “business angels” já investiram 8,3 milhões de euros em 56 operações, estando ainda disponíveis 33,8 milhões de euros. Mas as capitais de risco, no mesmo período, fizeram 19 operações num total de 15 milhões de euros. Além do dinheiro dos fundos de co-investimento dos “business angels”, existem mais 300 milhões de euros de capital de risco disponível, assegura o presidente da FNABA.

Francisco Banha alerta para a necessidade de se comunicar que há dinheiro. Os fundos de co-investimento estarão disponíveis, acredita, até Junho de 2014. Há, no entanto, sociedades-veículo que têm praticamente esgotados os seus capitais de investimento. Mas poderão vir a receber apoio do FEI (fundo de investimento do Banco Europeu de Investimento) que já terá mostrado interesse em utilizar fundos disponíveis para Portugal nestes veículos criados para gerir os fundos de co-investimento que tinham 28 milhões de dinheiros comunitários, 12,5 milhões de “business angels” e 1,5 milhões da Caixa Capital.

“O fundo de co-investimento português tem sido considerado ‘best practice’ internacional.”

O que faz uma pessoa investir o seu dinheiro quando as taxas de sucesso são baixas?

Nesse ponto, é muito importante o envolvimento das políticas públicas, nomeadamente neste tipo de fundos de co-investimento, que são fundamentais, porque a probabilidade de insucesso é grande e vai permitir aumentarmos o portfólio que temos para gerir. Eu já investi em dez projectos e até agora tive retorno zero. Mas nada me paga a satisfação de ter estado ligado a projectos que vão desde a área do ensino do inglês para crianças à tentativa de criação de uma marca de “outdoor” no mercado mundial. Mas nada me diz que eu não vou ter um sucesso.

Os prémios que existem para apoiar ideias inovadoras parece que premeiam muito as mesmas empresas.

Há uma profissionalização de alguns empreendedores na obtenção dos prémios.

A reformulação do capital de risco público resultou?

Tem muito pouco tempo de execução. Só desde Junho é que a Portugal Ventures está a operar, por isso é muito cedo para vermos resultado da sua actividade. O número de projectos que fizeram deve ser muito pequeno, porque durante um ano estiveram preocupados com questões de “governance” em detrimento da operacionalidade.

Mas são concorrentes?

Nós temos fundos para investir. Se não estamos a investir e eles considerarem que podem criar mais, até é bom para o mercado. Precisamos que sejam feitas operações.

Perderam-se muitas oportunidades por Lisboa e Algarve estarem de fora desses fundos de co-investimento?

Não creio que se perderam mui-

tas oportunidades, mas perderam-se algumas. As coisas acabam por se resolver. Devia resolver-se isso, porque independentemente das regiões estamos a falar de projectos em estágios que são críticos.

Pela primeira vez, há um secretário de Estado do empreendedorismo. Vêem-se resultados ou tem pouca força dentro do Governo?

Portugal está a ver emergir um ecossistema empreendedor constituído por um conjunto de actores que até ao momento tem-se revelado ineficaz e ineficiente nos resultados globais para a economia portuguesa. O futuro dos países passa muito pela optimização desse ecossistema. A existência de um secretário de Estado vai contribuir muito para que a afectação e coordenação dos organismos e entidades possa ser feita. Contudo, o problema é transversal a toda a sociedade, logo a todos os ministérios. Continuo a defender que o secretário de Estado do Empreendedorismo deveria depender do primeiro-ministro. Se isso acontecesse, poderia melhorar mais a actividade que tem vindo a desenvolver.

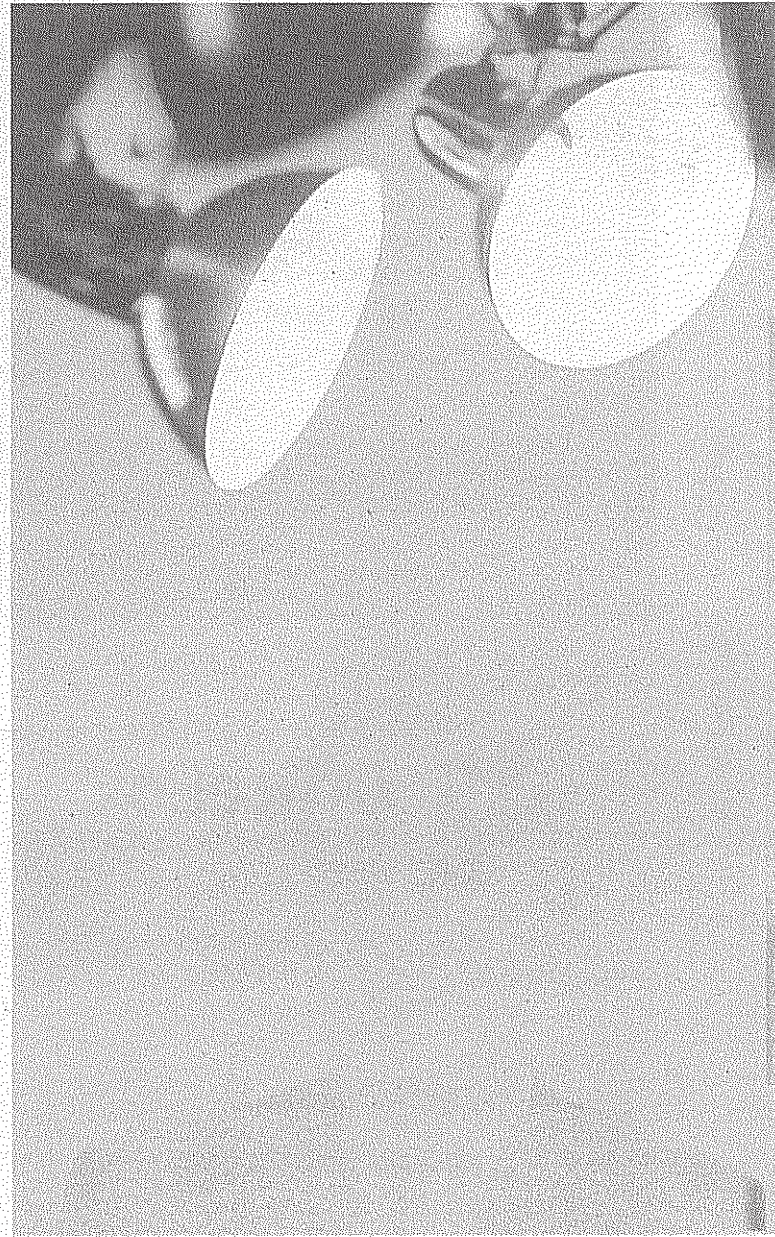
Capa

FRANCISCO BANHA, PRESIDENTE DA FNABA

“Tem de se criar mais, muito mais, empresas”

Francisco Banha gostava que o primeiro-ministro falasse, pelo menos uma vez por mês, do ecossistema empreendedor de Portugal. Neste momento, diz, há dinheiro disponível, mas há um grande desconhecimento

ALEXANDRA MACHADO amachado@negocios.pt



Portugal tem condições “exce-lentes” para o lançamento de novas empresas. Quem o diz é Francisco Banha, presidente da Federação Nacional de Associações de Business Angels (FNABA), ele próprio um “anjo”. Apesar das condições, reivindica algumas decisões por parte do Governo, nomeadamente ao nível da comunicação. Pelo menos uma vez por mês, o primeiro-ministro devia falar de empreendedorismo, diz. É que o dinheiro está disponível, mas há quem ainda não saiba. É uma actividade de risco. Entre os projectos que aparecem, a maior parte é rejeitada por falhas no plano de negócios, constituição de equipa ou teste de mercado.

As sociedades-veículo para os fundos de co-investimento de “business angels” fizeram 56 investimentos num total de 8,3 milhões de euros. Não é pouco?

Em ano e meio, acho que não é pouco. Neste período, as sociedades de capital de risco fizeram 19 operações de 15 milhões de euros. Fizemos 56 operações por duas dezenas de sociedades-veículo, numa conjuntura

extremamente recessiva.

Mas há dinheiro disponível, o que não acontecia noutras situações.

Há 34 milhões de euros disponíveis e há uma grande vontade de aplicar o dinheiro. Até pedimos ao senhor secretário de Estado que dilatasse o prazo, de 30 Junho de 2013 para 30 Junho de 2014. Porque o programa era para ter sido lançado em Janeiro de 2010 e só o foi em Fevereiro de 2011 porque foi necessária uma autorização pelo facto de não haver fundos públicos. Há uma grande vontade de investimento. O período de recessão ajuda pouco, mas não é só. Apesar de termos estes fundos e termos alguma visibilidade, a realidade é que a generalidade da sociedade civil e a maior parte dos empreendedores não conhece a existência destes fundos. E ninguém sabe que existem mais fundos de “venture capital”. Por isso, reivindicamos que haja uma comunicação institucional multimeios e de forma regular. Eu gostava bastante que o senhor primeiro-ministro ou os ministros de Estado falassem destas coisas pelo menos uma vez por mês, falassem do

“Existem, em Portugal, condições fantásticas para a criação de empresas.”

ecossistema empreendedor, falassem das condições excelentes para a prática do empreendedorismo, boas incubadoras, bons parques tecnológicos, boas aceleradoras, existem fundos, só que isso não é falado e transmitido de forma integrada.

Acha possível num momento de austeridade?

Tem de falar. Não é uma questão nossa. O IAPMEI tem contribuído para fazermos a promoção da divulgação dos “business angels”. Mas temos de fazer mais. E isso devia ter uma mensagem macro.

Está desiludido com o Governo? Ajudou a fazer o programa do PSD que falava

bastante de empreendedorismo. Isso ficou tudo parado?

Não estou desiludido, acho é que há possibilidades de fazer melhor e com maior impacto na nossa sociedade. Mas isto não é um problema só de Portugal. Não está totalmente interiorizado que o grande desafio ao nível da competição vai ser feito ao nível dos ecossistemas empreendedores. A dificuldade está na optimização deste ecossistema, que é constituído por vários actores e todos eles têm os seus jardins murados e cada um deles actua bem ao nível local, ao nível da sua esfera de influência, mas depois a parte colectiva fica muito a desejar. Cada vez mais, precisamos de um ecossistema empreendedor baseado no “equity” que permita a criação permanente de empresas, de emprego e criação de riqueza.

Em Portugal faltam casos de sucesso?

Essa é uma das questões. Mas podíamos contar histórias destes 56 investimentos. Há “business angels” a investir o seu próprio dinheiro, há empreendedores que conseguiram captar atenção dos investidores e há uma dinâmica que se está a criar, mas

não é conhecida. Não temos “exits” [saídas], mas temos investimentos feitos. Falta o efeito demonstração. Mas houve, por exemplo, a saída da ISA no Alternext, que foi muito interessante.

Somos ou não empreendedores?

Somos. Basta ver, apesar da crise, o número de empresas que foram criadas. Quanto mais houver efeito de demonstração, mais fácil é aparecerem mais empreendedores.

Existe dinheiro disponível para criar empresas. E depois?

As empresas têm vindo a ser criadas e tem de se criar mais, muito mais.

Qual é a taxa de mortalidade?

Falo, antes, do retorno. Há estudos que dizem que 54% dos investimentos realizados por “business angels” têm retorno negativo e 35% têm retorno igual a zero. Só há 9% que têm taxas de retorno de dez vezes mais do que o capital investido. Não é fácil. O número de insucessos é grande, apesar de os critérios de análise serem rigorosos.